

Estratégias Afro-Atlânticas de *Poço 115*: Acervo, Fotolivro, Documentário e Exposição

Felipe Camilo Mesquita Kardozo

Antropólogo, artista e pesquisador, é doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará - PPGS-UFC.



É nos arredores da Ponte Velha, nas ruínas do primeiro porto de uma cidade de passado escravocrata que também foi palco de lutas abolicionistas, é ali na orla da Praia de Iracema de Fortaleza onde uma população negra, descendente de pescadores e portuários, faz morada, resistindo à especulação imobiliária e tentativas de remoção. Neste mesmo local, o Poço da Draga, território centenário que comemora seu aniversário com a ponte de 1906, moradores com dezenas de álbuns e narrativas na ponta da língua nos sugeriram algo como um “devir negro nas imagens” – formas de praticar fotografias e narrar memória que, para além das atribuições de algum ofício, se difundem quase que espontaneamente entre caixas de sapatos e pequenos acervos de famílias e coletividades brasileiras. Se nos referimos ao “devir-negro do mundo” apontado por Mbembe (2014), partindo da noção de comunidade visível¹ (Kardozo, 2021), “um conjunto heterogêneo que dá a ver e se faz ver através de imagens em um território”, no desenvolvimento do projeto *Poço 115*, que investigou formas de praticar acervos fotográficos afro-diaspóricos.

O trabalho se desenvolveu em paralelo e em decorrência da tese *Comunidade Visível: Narradores de Imagens e Memórias do Poço da Draga* (Kardozo, 2021), cuja pesquisa compreende a relevância de coletâneas fotográficas informais animadas pela oralidade negra em meio à diversidade de agentes que produzem visibilidade e legitimidade nas lutas sociais e territoriais no país. Esse curtíssimo relato se refere a como, ao longo de quatro anos, um artista-pesquisador e um artista-morador (Felipe Camilo e Álvaro Graça Júnior) desenvolveram formas de apresentar as estratégias afro-atlânticas já

1. A tese *Comunidade Visível: narradores de imagens e memórias do Poço da Draga* (KARDOZO, 2021) desenvolvida no PPGS-UFC.

fluentes em uma comunidade visível, o Poço da Draga, na orla de Fortaleza, Ceará. Atuando ali juntos às guardiãs e guardiões da memória (Rocha; Eckert, 2014), entre ruas e grupos de Whatsapp, primeiro foi concebido um acervo de fotografias 10x15cm para então chegar a um fotolivro, um documentário e uma exposição: respectivamente *Poço 115 – Um Álbum Imaginário*; *Resenha do Brasileirinho*; e *Poço 115 – Rastro na Cidade*.

Montado e remontado entre 2017 e 2021, o acervo coletivo ou (como preferimos) aquilombamento visual do Poço da Draga rendeu mais exatamente 07 obras ou conjunto de objetos principais²: a) duas cópias do arquivo de 12 álbuns de 40 fotos 10x15cm em caixas de MDF (com cerca de 400 imagens); b) *Poço 115 - Rastros na Cidade*, uma exposição em dois polos, na ONG Velaumar na comunidade e no Museu de Arte Contemporânea (MAC) do Ceará (2021–2022); c) uma cortina, almofadas, um gira-mundo e uma instalação de santinhos de luto por Ivoneide Góis, moradora do território (além de obras cedidas por artistas convidados); d) a vídeo-instalação *Poço*; e) o ensaio fotográfico “sobrepontes”; e f) o fotolivro *Poço 115 – Um álbum imaginário*, que possui dois pequenos volumes; g) o documentário *Resenha do Brasileirinho*³. Nas figuras que seguem, vemos os espaços onde ocorreram a exposição e algumas das obras que conseguimos comentar neste breve escrito.

Destacamos o selo da caixinha de fotos que, dada sua materialidade, tratamos como um “arquivo fotográfico” do Poço da Draga. Cada obra/ação foi antecedida de escutas com moradores sobre as imagens que ficam no acervo coletivo e as que não ficam. Tratou-se, portanto, de uma experiência de muitas partilhas. A presença das mãos carinhosas de mães, tias e avós, narradoras e guardiãs em equipamentos culturais, provocou estranhamentos e discussões sobre concepções correntes de arte entre os envolvidos e os demais públicos. É decolonial⁴ convidar uma memorialista não-oficial e costureira a produzir obras a partir de sua coleção de retratos 3x4cm que estampamos em um tecido e que Ivoneide G. nos devolveu como almofadas, cortinas e como um gira-mundo. Seguimos assim quando dedicamos uma seção a imagens do futebol amador e um documentário aos seus entusiastas que compartilharam resenhas de jogos antigos do Brasileirinho Futebol Clube pelo Whatsapp e pelas ruas do bairro⁵. Desse modo, tanto o ato criativo como a prática curatorial se deram fazendo

2. Tanto as caixas/arquivos, assim como a exposição foram feitas em parceria pelos grupos do programa de Ciências Sociais da UFC, o Lajus e o Rastros Urbanos junto aos moradores do Poço da Draga. O fotolivro, a vídeo-instalação e o documentário têm sua organização/criação assinada por Álvaro Graça Júnior e Felipe Camilo.

3. Kardozo e Diógenes (2021) abordaram a relevância dos álbuns de fotografias e grupos de Whatsapp na relação entre os membros do Brasileirinho, time de futebol amador que durante a pandemia de covid-19 não podia se encontrar pessoalmente. O artigo *Comunidade Visível: Narradores de memórias e suas práticas de imagem* se encontra disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/108754>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

4. Mignolo (2012) discute sobre estética, modernidade e pensamento decolonial

5. Com Diógenes (2015), observamos que os esforços etnográficos conduzindo em ambiências online são tão relevantes quanto o trabalho offline, cabendo à antropóloga acompanhar as práticas de seus narradores conforme se apresentam. Na produção da autora sobre Fortaleza, vemos a luta por reconhecimento social entre as populações dos territórios ditos periféricos.

filosofia com gente dentro, como diria Tim Ingold (2012), ao propor um entendimento dialógico/compartilhado para a forma de produzir conhecimento antropológico. Pensando em retrospectiva, os processos da exposição que aconteceu em um museu de arte contemporânea – e ao mesmo tempo uma das casas mais antigas da vizinhança – intuía estratégias de afavelar a institucionalidade da relação entre a cidade, as pessoas e suas imagens e narrativas.

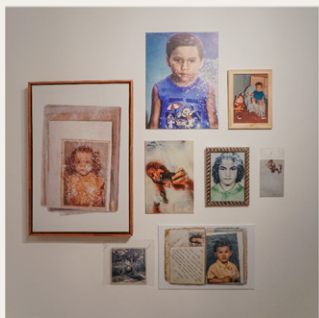
Se por um lado a aproximação de nossas narradoras e narradores foi pensada nas pistas das fotobiografias de Fabiana Bruno (2012) e nos atlas mnemosynes de Warburg (2010), por outro, uma apropriação racializada desses conceitos nos convidou a ler práticas e inventos no Poço como experiência fabulatória crítica, como propõe Saidiya Hartman (2022).

De certo modo, o trabalho nos limiares entre arte e antropologia (Marcus, 2009) nos convida a pensar quais práticas, quais formas estéticas favorecem a expressão coletiva e a restituição da pesquisa (Schurmans; Dayer; Charmillot, 2014). Nesse sentido, o fotolivro que simula formatos de álbuns fotográficos e utiliza linha de pesca para reunir suas peças aponta em sua materialidade um diálogo como aqueles que cederam fotografias e recordações para a feitura da obra⁶. Na pequena publicação, predominam as imagens saídas dos acervos familiares para nossa experiência coletiva. A pequena tiragem de 300 exemplares foi distribuída no território entre autores e fotografados.

Por fim, evocamos outra forma de imagem ancestral para pensarmos como vidas negras desenvolvem práticas e éticas para com aquilo que é visível. Sankofa⁷ é a ave que vai para frente, olhando para trás, como uma mensageira que mexe com a linearidade do tempo em função das lembranças. A partir de fotos e recordações tratadas com desimportância pelos anais da história oficial até então, os trabalhos da memória (Bosi, 1994) de narradores das esquinas do Poço da Draga aliam, sob a “ética sankofa”, fotografia e oralidade num contexto afro-brasileiro. Como resposta à necropolítica (Mbembe, 2018), as estratégias expositivas e práticas de acervos carregam indícios de um desejo de lembrar e ser lembrado entre pretas e pretos que compõem as comunidades visíveis e que, no atlântico diaspórico, são aquilombamento de imagens.

6. Mais sobre o fotolivro está disponível em: <<https://felipec.com.br/arte/?p=740>> acesso em 10 jul. 2024.

7. O símbolo adinkra “Sankofa” faz parte de um conjunto de símbolos ideográficos dos povos acã, grupo linguístico da África Ocidental, ele apresenta um pássaro que voa para frente com a cabeça voltada para trás.



























Legenda

Figura 1. Infográfico de obras resultantes do Projeto *Poço 115*.

Figura 2. Exposição *Poço 115 – Rastros na Cidade* – painel da parte ocorrida no Poço da Draga entre dezembro de 2021 e abril de 2022. Fonte: Acervo do autor.

Figuras 3 e 4. Exposição *Poço 115 – Rastros na Cidade* ocorrida no Museu de Arte Contemporânea (MAC) do Ceará entre dezembro de 2021 e abril de 2022. Fonte: Acervo do autor.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das “supervivências”: as fotobiografias. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 91–106.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. A arte urbana entre ambientes: dobras entre a cidade material e o ciberespaço. **Etnográfica**, v. 19, p. 537-556, 2015.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. São Paulo: Fósforo, 2022.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.18, n.37, jan./jun. 2012.

KARDOZO, Felipe Camilo Mesquita. **Comunidade Visível: narradores de imagens e memórias do Poço da Draga**. Orientadora: Glória Maria dos Santos Diógenes. 2021. 325 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/58602>>. Acesso em 09 jul. 2024.

KARDOZO, F. C. M.; DIÓGENES, G. M. dos S. Comunidade Visível: Narradores de memórias e suas práticas de imagem. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 22, n. 56, 2021. DOI: 10.22456/1984-1191.108754. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/108754>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MARCUS, George. A Estética contemporânea do trabalho de campo na arte e na antropologia: experiências em colaboração e intervenção. In: BARBOSA, Andréa et al (Org.). **Imagem-Conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos**. São Paulo: Papyrus, 2009. p. 13-32.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIGNOLO, W. D. Decolonial aisthesis and other options related to aesthetics, In: Alanna Lockward e Walter Mignolo (orgs.), **BE.BOP, 2012. Black Europe Body Politics**. Disponível em: <<http://globalstudies.trinity.duke.edu/wp-content/uploads/2012/04/be-bop-2012interaktiv.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia com imagens: práticas de restituição. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 11-43, jul./dez. 2014.

SCHURMANS, M. N.; DAYER, C.; CHARMILLOT, M. **La restitution des savoirs: un impensé des sciences sociales?** Paris: L'Harmattan, 2014.

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Madri: Akal, 2010.

COMO CITAR

KARDOSO, Felipe Camilo Mesquita. Estratégias Afro-Atlânticas de Poço 115: Acervo, Fotolivro, Documentário e Exposição. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 12, p. 40-57, 2025.